



Manguinhos, um lugar para se conhecer

Albert Einstein percorreu laboratórios, foi à biblioteca, preferiu café gelado, subiu ao terraço do Castelo Mourisco e posou à direita de Carlos Chagas quando esteve na Fiocruz em 1925. Fidel Castro fez um dos seus longos discursos em Manguinhos em 1989, sendo ovacionado pelos servidores da Fiocruz. O som de Edith Piaf embalou a visita do ex-presidente francês François Mitterrand. Já o descobridor da penicilina, Alexander Fleming, destacou o trabalho na área de micologia médica realizada na Fundação em sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1950. As realizações da Fiocruz trouxeram a Manguinhos diferentes visitantes célebres interessados no trabalho da instituição.



Einstein, 5º da direita para a esquerda e ao lado de Carlos Chagas (terno escuro), deixou um autógrafo em um dos livros de física da Biblioteca de Manguinhos





Carlos Chagas acompanha a Rainha Elizabeth da Bélgica, em 1920

panoramas, engrandecidos pela mais variada topographia”.

Einstein tinha chegado ao Rio de Janeiro quatro dias antes, em 4 de maio de 1925, vindo de Buenos Aires e Montevideu. Foi homenageado em banquetes oferecidos pelas colônias alemã e judaica, esteve no Pão de Açúcar, foi até a Tijuca e a Gávea e subiu a pé o Pico do Papagaio, o ponto mais alto da Floresta da Tijuca.

Cinco anos antes de Einstein, Manguinhos recebeu a visita de um legítimo representante da realeza européia. O rei Alberto da Bélgica esteve na Fiocruz em 27 de setembro de 1920, acompanhado do presidente do Brasil Epitácio Pessoa e de uma delegação que incluía membros da Casa Real da Bélgica. *O Careta*, revista semanal de humor, registrou a recepção ao nobre belga veiculando uma foto de Alberto e sua delegação na Biblioteca do Castelo de Manguinhos, junto de Carlos Chagas e do presidente Epitácio Pessoa. Da passagem do rei Alberto pelo Brasil, que durou mais de dois meses, sabe-se ainda que Adolpho Lutz integrou a comitiva que recepcionou o soberano no Brasil, acompanhando-o em visitas ao Instituto Butantan e em algumas excursões da rainha Elizabeth e do príncipe Leopoldo da Bélgica ao interior de São Paulo.

Curioso observar alguns dos preparativos do governo brasileiro para a visita da família real belga. No dia 22 de setembro de 1920, o carioca *Jornal do Commercio* informava que “para comemorar a visita dos reis belgas, a Sra. Epitácio Pessoa mandou distribuir doces, sanduíches e licores às instituições de caridade do Rio”. No dia seguinte, o mesmo jornal trazia a notícia de que “em função da visita..., a esposa de Epitácio Pessoa comunicou ao presidente da Liga Brasileira contra a Tuberculose que os socorridos pela entidade deveriam ser beneficiados com o suprimento de trezentos quilos de carne”.

Tamanha “benevolência” não seria registrada trinta anos depois, em 1950, durante a passagem do cientista Alexander Fleming, descobridor da penicilina, pelo Rio de Janeiro. Os tempos eram outros e este escocês estava no Rio de Janeiro para participar do 5º Congresso Internacional de Microbiologia. A escolha da cidade para sediar o evento – que nas quatro edições anteriores tinha sido realizado em Paris, Londres, Nova York e Copenhague – tratava-se de uma honraria ao Brasil em razão dos 50 anos da criação do IOC.

Em 9 de maio de 1925, a reportagem de capa de *O Jornal* destacava, em manchete, *O Dia de Einstein no Rio de Janeiro*. “Einstein, o grande mathematico que, atualmente, o Rio hospeda, passou hontem mais um dia em nossa metrópole, tendo feito uma visita ao Instituto Oswaldo Cruz”, descrevia o texto da publicação. Einstein mereceu atenção de *popstar* da ciência: durante uma semana os outros diários do Rio de Janeiro abriram amplo espaço para a agenda do físico alemão na cidade. Ilustrando a reportagem de *O Jornal*, um bico de pena do cientista produzido por um desenhista de Manguinhos especialmente para o diário carioca.

Einstein, segundo o noticiário dos diários cariocas, teria ido ao Museu Oswaldo Cruz, visto a coleção de anatomia patológica e percorrido as salas de leitura da Biblioteca. Ali deixou o autógrafo na página que traz um de seus artigos nos *Annalen der Physik*, revista científica que atualmente integra o acervo de obras raras da Biblioteca da Fiocruz.

O repórter de *O Jornal* acompanhou de perto a visita do autor da teoria da relatividade a Manguinhos. “No Laboratório de Chimica Applicada deixou um disco

phonográfico, e, ainda, assistiu a uma experiência sobre a visão binocular”. A notícia veiculada em *O Paiz* contou que “Einstein registrou a impressão de sua visita em um disco phonografico...”. A tal impressão deixada pelo físico até hoje não foi esclarecida. Como não há qualquer documento na Fiocruz nesse sentido, há apenas hipóteses: ou Einstein teria feito uma gravação ou registrado suas impressões sobre o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) em uma dedicatória escrita sobre um disco.

De qualquer forma, existem outros registros de visita tão honrosa. Nos arquivos da Casa de Oswaldo Cruz (COC) há uma foto de Einstein na varanda do primeiro andar do Castelo Mourisco la-deado por Carlos Chagas, então diretor do IOC, Adolpho Lutz e por outros cientistas de Manguinhos. Os pesquisadores mostraram-lhe, segundo *O Jornal*, “o leptospira e o tripanosoma cruzi (...)” e ele teria se interessado pelo “processo utilizado para coloração de preparados por meio de câmara clara”.

Em outra passagem na descrição do repórter de *O Jornal*, a matéria informa que o cientista alemão teria tomado uma xícara de café, que preferiu gelado, e, ao subir ao terraço do Castelo Mourisco, “sua vista se extasiou ante os mais belos

A organização do congresso coube a Manguinhos e o evento foi um sucesso. Participaram 1.095 congressistas, dois deles, Fleming e Butenandt, já laureados com o prêmio Nobel e um terceiro, Lwoff, viria a ser depois do congresso. O *Globo* de 19 de agosto de 1950 publicava que “o descobridor da penicilina, o Dr. Alexandre Fleming, vem polarizando grande parte do interesse do Congresso Internacional de Microbiologia”.

Fleming desfilou pelas salas do encontro com a indefectível gravata-borboleta, terno escuro e quase sempre com um cigarro no canto esquerdo da boca. Assim que regressou à Europa, fez questão de escrever uma carta de agradecimento ao diretor do IOC, Olímpio da Fonseca Filho. “Comparei a todos os congressos internacionais de microbiologia e nenhum outro país foi mais hospitaleiro do que o Brasil. Está claro que o Brasil é muito grande e, quando digo Brasil, falo de parte da comunidade brasileira com a qual estive em contato...Espero que a reunião do congresso no Brasil venha a estimular a ciência da microbiologia no seu país e no conjunto da América do Sul. Você e seus colegas fizeram realmente um trabalho bem feito”, relatou Fleming.

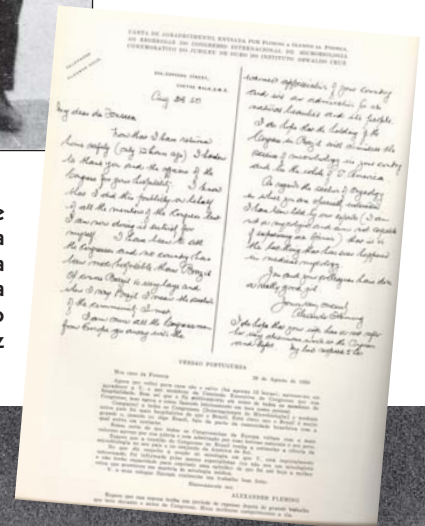
Para outro eminente cientista, Albert Sabin, descobridor da vacina oral contra a poliomielite, as impressões sobre a Fiocruz não foram muito diferentes. Em janeiro de 1985, Sabin esteve em Manguinhos para conhecer o laboratório de produção do imunizante contra o sarampo, a unidade-piloto para produção de suspensão viral da vacina contra a poliomielite, o Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS) e o Instituto Fernandes Figueira (IFF). Posteriormente, declarou que “a produção da vacina contra o sarampo é extremamente bem desenvolvida e sofisticada”. Sobre a opção brasileira pela vacina oral, Sabin declarava que “considerava o programa com grandes méritos e viabilidade”. Interessante notar que anos depois, em 2002, a Fiocruz receberia a visita da viúva de Sabin, a brasileira Heloísa, para abrir a campanha nacional de imunização daquele ano aplicando a bilionésima dose de vacina produzida em Manguinhos.

Reverência a eminentes cientistas, reverência a homens que escreveram alguns dos mais importantes capítulos do século 20. Foi com esse espírito que a Fiocruz recebeu o ex-presidente da Fran-



Ex-presidente dos EUA, Theodore Roosevelt esteve em Manguinhos em 1913

Ao lado, carta de agradecimento de Alexander Fleming (abaixo, de gravata borboleta), enviada a Olympio da Fonseca, depois que o descobridor da penicilina participou de congresso no Rio de Janeiro organizado pela Fiocruz



ça François Mitterrand e o líder da Revolução Cubana, Fidel Castro. Em novembro de 1985, as bandeiras francesa e brasileira tremularam ao lado do busto de Oswaldo Cruz. Dos alto-falantes, a voz de Edith Piaf encantou os presentes para receber em grande estilo o primeiro Chefe de Estado estrangeiro na Fiocruz: François Mitterrand, segundo contou a edição de dezembro de 1985 do *Informativo Fiocruz*.

“É com grande honra que a comunidade de Manguinhos, que não só aprendeu o pensamento científico, mas também incorporou o pensamento humanista e libertário de sua nação, homenageia V. Ex, esperando que a cooperação técnico-científica entre nossos países se amplie no sentido de melhoria de vida de nossas populações”, assim o então presidente da Fiocruz, Sergio Arouca, saudou Mitterrand.

De Arouca o presidente francês recebeu uma placa alusiva à visita e um álbum de fotografias dos primeiros anos de Manguinhos, tiradas por J. Pinto, com a seguinte dedicatória: “Cientistas como Louis Pasteur e Oswaldo Cruz não somente honraram nossas nações de origem, mas também contribuíram para a aproximação entre nossas duas repúblicas, francesa e brasileira, que se tornaram irmãs em termos de solidariedade humana e co-



Acima: Mitterrand veio com Leonel Brizola e chegou a Manguinhos ao som de Edith Piaf. Abaixo: Fidel Castro esteve duas vezes na Fiocruz e chamou o Castelo de “Catedral da Ciência”



operação por melhores condições de saúde da humanidade”.

Acompanhado pela esposa, Danielle, e pelo então governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, Mitterrand esteve na sala de Oswaldo Cruz e em uma exposição sobre os prédios de Manguinhos, e conheceu amostras da Coleção Entomológica. Em seguida, foi apresentando ao pesquisador Leônidas Deane, representando os trabalhadores da Fiocruz, e a Haiti Moussatché, simbolizando os cientistas vítimas do Massacre de Manguinhos. “Boa sorte, bom trabalho e que o sucesso coroe seus esforços”, disse Mitterrand no encerramento da visita.

Emoção também não faltou na passagem de Fidel Castro por Manguinhos, talvez uma das visitas mais aguardadas pela comunidade da Fiocruz. A revolução cubana tocou o coração de muitos dos trabalhadores da Fundação. Por isso, a Fiocruz literalmente parou para receber e fazer reverências ao comandante Fidel, como convocava o *release* distribuído pela instituição à imprensa. A lenda viva estava em Manguinhos.

Corria o ano de 1990 quando o governo cubano solicitou a visita de Fidel. O então presidente da Fiocruz, Akira Homma, recebeu-o lembrando o cientista cubano Carlos Finlay e os estudos sobre o mosquito da febre amarela realizados ainda no século 19 em Cuba e que influenciaram o sanitarista Oswaldo Cruz no combate e controle da doença no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século 20. Akira lembrou os avanços que a Revolução Cubana tinha trazido à área social, notadamente nos indicadores de saúde pública, comparáveis aos verificados nos países do Primeiro Mundo.

Na recepção a Fidel, em 1989, não estava definido se o líder cubano discursaria ou se limitaria a conversar com os cientistas e técnicos. Mas, depois de muitos autógrafos, palmas, sorrisos e fotos desde que desembarcou em frente ao Castelo, Fidel falou, de improviso, durante uma hora, para um platéia atenta e hipnotizada no INCQS. De pé, trajando o inconfundível uniforme verde-oliva, falou sobre as

A troca e o reaproveitamento de livros entre estudantes de medicina e os investimentos em tecnologia e nas pesquisas em ciência e tecnologia também foram lembrados por Fidel como parte da política de saúde implantada em Cuba. “Tivemos que vencer diferentes obstáculos para implantar nossas idéias na área de saúde”, disse. Ao final da passagem pela Fiocruz, Fidel esteve no Castelo de Manguinhos, ao qual chamou de “uma linda catedral da ciência e da saúde”.

Antes ou depois de Fidel, que voltaria a visitar a Fundação durante a Rio-92, o fato é que Manguinhos recebeu ministros de saúde, prêmios Nobel e delegações de cientistas de países de quase todos os continentes. Em 1913, Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, veio participar de expedições científicas no Brasil e esteve na Fiocruz. Xanana Gusmão, recém-saído da libertação do Timor Leste, esteve na Fiocruz solicitando apoio na área de medicamentos e na formação de pessoal para

ção portuguesa em *Tanto Mar*, também achou bonita a festa em Manguinhos durante a reintegração dos cassados no “Massacre de Manguinhos”. Naquele dia, em agosto de 1986, Buarque sentou ao lado de Darcy Ribeiro, Ulisses Guimarães, Mário Lago, Grande Otelo, Paulo José e tantos outros para receber com todo orgulho os dez cientistas da Fiocruz cassados pela ditadura.

Atualmente, a Fundação recepciona, todo mês, milhares de pessoas para conhecer o Museu da Vida ou receber atendimento médico nos centros de referência no *campus* de Manguinhos ou nas unidades espalhadas pelo país. Todo mês de junho, há 12 anos, a instituição também abre as suas portas para milhares de visitantes durante o dia nacional de vacinação. Ocasões em que a Fiocruz acolhe a sociedade com a mesma reverência e alegria com que recebeu Einstein, Fleming, Sabin e Fidel, e que fizeram de Manguinhos um lugar interessante para se conhecer. ✿



profundas mudanças verificadas no sistema de saúde depois da revolução, a ênfase na prevenção de doenças através da implantação do programa médico de família na ilha caribenha e a preocupação na formação sólida das equipes de saúde cubanas. “Descobrimos pessoas adultas que nunca haviam tomado uma vacina ou estado com um médico”, contou Fidel.

reconstrução da ilha da Oceania depois de décadas de domínio pela ditadura da Indonésia. Mário Soares, ex-presidente e primeiro-ministro de Portugal, visitou a Fundação na década de 80 quando a social-democracia assumia o governo português ainda sob os efeitos da Revolução dos Cravos, em 1974.

Chico Buarque, que cantou a revolu-

À esquerda: em tempos de abertura política em Portugal, Mário Soares veio à Fiocruz durante a gestão Arouca. À direita: Darcy Ribeiro, em 1986